Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 224

11 DE MARÇO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Realmente estamos vivendo n'um tempo extraordinario.

O romance deixou-se dos enredos intrincados, das situações violentas, das aventuras emaranhadas, para se entregar ás narrativas singelas e correntias, á monotomia sensaborona d'um diario pacato da vida burgueza, terra a terra, sem complicações, sem enredos, sem casos extraordinarios, a pretexto de realismo, de verdade, de ser o espelho fiel e insipido da vida contemporanea, e eis que de repente essa vida contemporanea desata a dar rasão a Ponson du Terrail, a Xavier de Montepin, a Pierre Zaccone, a Boisgobey, contra Zola, contra Flaubert, contra Daudet, contra os Goncourts, e faz ao realismo a critica mais terrivel, mais dilacerante, mais anniquiladora, do que nunca lhe fez o proprio Merlet o inimigo fidagal dos realistas.

E até mesmo Lisboa, a nossa boa e pacata Lisboa, a nossa burgueza e bonacheirona cidade vem á ultima hora trazer a sua accusação formidavel contra esse falso realismo, que para ahi se ostentava triumphante como sendo o unico representante da Verdade humana, e vem demonstrar com toda a eloquencia dos factos que no fim de contas quem é o realista não é o sr. Eça de Queiroz é o sr. Leite Bastos, que a verdade não está no *Primo Basilio*, está nas *Tragedias de Lisboa*.

E isto não é um paradoxo, não é uma *boutade* qualquer sem rasão de ser: n'estas epochas de realismo dá-se um caso verdadeiramente original: as obras realistas é que são de pura fantasia, e aquellas obras que a escola moderna desdenha como convencionaes, antigas, inverosimeis, é que são a reproducção exacta da verdade.

No theatro, por exemplo, qual é o facto verdadeiro de que a *Denise*, por exemplo, ou a *Odette* são a photographia? Não se sabe.

E entretanto toda a gente sabe que um dramalhão colossal, o *Crime*, é a reproducção fiel de uma historia verdadeira, que o dramalhão a *Infame* é a historia authentica d'uma duqueza muito conhecida, e que o melodrama o *Cão de Cego* é simplesmente a photographia do caso da viuva Gras.

O inverosimil é que é o verdadeiro n'estes tempos que por ahi se alcunham de tempos de prosa: as aventuras extraordinarias expulsas do romance e do theatro refugiaram-se na vida real: dir-se-ia que os dramaturgos e os romancistas tendo medo da critica, em vez de escrever as suas peças e os seus livros, vivem-as, e a epopeia antiga banida do palco de Paris por A. Vitu, por Sarcey, por Bergerat apparece triumphante no seio da vida parisiense na bocca do revolver elegante de M.me Clovis Hugues, e o Rocambole expulso das bibliothecas de toda a gente de gosto litterario, apparece victorioso em Torres Novas na pessoa d'um empregado do real d'agua, tudo o que parecia haver de mais prosaico e burguez no fisco nacional.

O caso do Soriano que tem enchido todos os jornaes diarios de extensas narrativas interessantes e romanescas, excede tudo o que mais imaginosamente terrivel escreveu o quasi ridiculamente celebre visconde de Ponson du Terrail.

Não conhecemos o heroe d'essas aventuras extranhas e complicadas, que aliás é muito conhecido em Lisboa, e não podemos seguir de perto essas aventuras que lhe vão decerto valer a costa d'Africa, porque quando os jornaes começaram a levantar o veu que encobria esse estapafurdio romance a nossa attenção presa em preoccupações muito diversas não tinha tempo para ler os noticiarios.

Quando encontrámos a historia já ella ia em mais de meio e francamente, francamente, não tivemos vagar nem pachorra para voltar para traz, para lhe irmos apanhar o enredo complicado.

Entretanto, como todos os bons romances interessantes e bem feitos, a historia do Soriano abunda em capitulos extraordinarios que só por si constituem romances separados e de sensação.

Um d'esses capitulos, o que actualmente está sendo dado por todos os jornaes é realmente extravagante e phantastico como as narrativas cheias de peripecias extraordinarias feitas por Eugenio Chavette ou por Alexis Bouvier, hoje os primeiros especialistas no genero.

Trata-se nem mais nem menos do que de um casamento falso, um casamento realisado á noite, n'uma capella improvisada n'um quarto do hotel dos Dois Irmãos Unidos, o hotel que até hoje passava pelo hotel mais pé de boi, de Lisboa, abençoado por um sacerdote que era simplesmente um furriel do exercito, um posto militar que até agora só recebia ordens do coronel commandante e nunca do cardeal patriarcha.

Ha tres annos, n'uma noite muito pacata, emquanto Lisboa conversava na Havaneza, ria com o Valle no Gymnasio, ou tomava serenamente chá com torradas no Martinho, o Soriano mettido n'uma modesta tipoya de praça, levava uma menina muito ingenua e muito formosa, toda palpitante de commoção e de ideal, dentro do seu branco vestido de noiva, engrinaldada com as flores de larangeira tradiccionaes, para o hotel dos Irmãos Unidos.

Ahi o grave empregado do fisco, o burocrata temido de todos os pobres diabos que queiram furtar um litro d'azeite aos impostos aduaneiros, apresentava essa mesma menina sua noiva a uma cambada de malandros solemne e pelintramente encasacados como comparsas de casamentos da Rua dos Condes e em frente d'um sacerdote postiço, d'um padre de theatro particular recebia por sua legitima mulher essa candida creança que cheia de ingenui-

Luiz Guimarães (Segundo uma photographia de Camacho)

dade e de boa fé, respondeu tremente o *sim* sacramental, que a ia entregar de corpo e alma áquelle que pela religião ia d'alli em diante ser seu marido e senhor.

E terminada a farça ignobil o heroe d'este entremez do crime, continua a viver vida regalada cá por fóra da cadeia, a ser um bemquisto empregado publico, um cavalheiro estimavel com suas entradas em todas as casas serias, com todas as regalias e considerações d'um homem de bem.

Digam-nos se realmente tudo isto não parece invenção imaginosa da phantasia romanesca d'um auctor antigo, e se não é muito extranho, muito inverosimil, muito original, esta scena tragica e burlesca passada no Rocio, no coração da baixa, no hotel mais provinciano e mais simplorio que tinha Lisboa, sem ninguem dar por isso, emquanto toda a gente encolhia os hombros com um sorriso de incredulidade ao ver scenas identicas nos dramalhões do theatro do Principe Real?

Francamente, quando lemos esta singular historia n'um jornal, acreditámos n'uma mystificação do jornalista, n'uma reclame *á sensation* para um romance novo, como aquellas celebres cartas do *Mysterio da Estrada de Cintra,* que o *Diario de Noticias* publicou em tempo, com tão desusado successo.

Mas não era: não era phantasia d'um noticiarista era tudo o que ha de mais parte de policia. E esse capitulo do crime do tal Soriano deu-nos agora, no momento em que continuamos esta chronica interrompida hontem á noite, o enredo de todo o romance.

O casamento falso foi a origem do crime de Torres Novas, d'aquelle crime que desmascarou o Rocambole do real d'agua.

Depois de casado pelo furriel o Soriano começou a tratar muito mal a sua concubina innocente aquella que se julgava sua esposa.

Bebedo e devasso, conforme o pintam todas as informações dos jornaes, que nós nem de vista o conhecemos, o Soriano maltratava a pobre senhora, fazia-lhe passar uns dias terriveis e umas noites crueis.

Ha pouco tempo encontrando-se n'um theatro com um dos pifios convidados do seu simulado casamento, a linguagem d'esse sujeito, o modo extranho como a tratou fez desconfiar a infeliz creança da cilada em que cahira.

Interrogou a este respeito seu marido, que perturbando-se ao ver a sua victima no caminho de descobrir a verdade, lhe deu umas respostas evasivas, e começou a tratal-a bem para ver se assim lhe desfazia as suspeitas.

Partindo d'ali a pouco para Abrantes com seu marido, este não continuou a comedia dos carinhos: voltou á antiga, á devassidão e á brutalidade e foram taes os tratos que deu á sua simulada esposa que esta fugiu da terra e veio para Lisboa refugiar-se em casa d'uma sua prima a quem contou tudo.

O Soriano, atterrado com a fuga da sua victima, temendo que ella denunciasse o seu ignobil crime recorreu a outro expediente rocambolesco para se sahir da situação.

Tivera ao serviço da sua casa um guarda fiscal seu subordinado, e levando esse homem para uma casa deserta na charneca de Torres Novas, a pretexto de se fazer uma importante apprehensão fiscal, ahi acompanhado pelos seus amigalhaços quiz obrigar o pobre homem a fazer uma declaração em que tinha sido amante da mulher de Soriano.

O plano de Soriano era claro, apanhada a declaração fazia-a publicar nos jornaes; tido até então como um cavalheiro por toda a gente toda a gente lamentaria aquelle homem de bem tão pungentemente ferido na sua honra, no seu amor, na sua felicidade; a sua victima ficaria de todo perdida perante a opinião publica, passaria a ser uma creatura desprezivel, e nem se atreveria a falar e mesmo que falasse ninguem a acreditaria: a victima era elle, o homem de bem, o cavalheiro sem macula.

O plano malogrou-se O guarda recusou-se a fazer a declaração. Soriano ameaçou-o de morte, ajudado pelos seus, desancou-o, mordeu-o, torturou-o, mas o homem não cedeu.

N'isto rompia a manhã.

Temendo ser descoberto por alguem, abandonou o seu plano e veiu n'um pulo a Lisboa procurar sua mulher á casa onde se refugiára, e como ahi não o deixassem vel-a, ameaçou-a de morte se não fosse immediatamente para a sua companhia. N'isto o crime de Torres Novas em descoberto: a policia interveio como os deuses nas tragedias antigas, e o Soriano tentando ainda um esforço supremo, como os tyrannos dos melodramas, substituindo a tirada da honradez por uma carta nos jornaes, perdeu a sua tinta e o seu tempo. A policia apoderara-se de toda a sua historia, arrancára-lhe a mascara e não lhe será facil agora continuar o romance.

E' este o drama singular e extranho que acaba de se descobrir em Lisboa, e que vae continuar-se perante os tribunaes criminaes.

E agora quando se lêr um romance de enredo, de peripecias, de situações violentas e funambulescas, venham para cá os auctores realistas dizer que tudo aquillo é convencional e falso.

Antes de terminarmos a nossa chronica, uma rectificação essencial.

Falando ha dias no Occidente, na *matinée* do *Correio da Manhã,* dissemos que a estatua da Caridade que ornamentava a sala do concerto, fôra generosamente prestada pelo sr. Moreira Rato, a pedido do sr. Alberto Nunes.

Enganámo-nos: a estatua foi cedida obsequiosamente pelo sr. Caetano Nunes, dono da officina de canteiro da rua de S. Francisco, a pedido do illustre estatuario o sr. Alberto Nunes. Os srs. Moreira Rato tinham tambem accedido amavelmente ao pedido que egualmente lhes fôra feito pelo mesmo distincto esculptor, mas o seu offerecimento não poude ser acceite em consequencia da chuva torrencial d'esses dias não permittir o transporte das estatuas que tinham sido pedidas.

O seu a seu dono.

Gervasio Lobato.

LUIZ GUIMARÃES

Luiz Guimarães é simplesmente um dos maiores poetas que tem escripto em lingua portugueza.

E não é necessario ler grossos volumes, fazer um estudo profundo das suas obras para chegar a este convencimento: basta ler uma das suas poesias, um soneto, uma rapida estrophe, para se conhecer logo que se está em frente d'um grande poeta, d'um d'esses talentos excepcionaes que fazem a gloria d'um paiz e d'uma litteratura.

Luiz Guimarães é aos quarenta annos uma das mais brilhantes glorias brazileiras.

Nascido em 17 de fevereiro de 1845, no Rio de Janeiro, de mãe brazileira e de pae portuguez, Luiz Caetano Pereira Guimarães, cursou a Faculdade Juridica de Pernambuco, onde com muita distincção concluiu a sua formatura em Direito.

Em 1872 entrou para a diplomacia, e indo exercer para a Republica do Chili o cargo de addido á legação brazileira. Em 1873 foi transferido em egual cargo para a legação imperial de Londres. D'ahi foi transferido para a Italia, e esteve 5 annos addido á embaixada brazileira junto da Santa Sé.

Em 1878, foi promovido a secretario de embaixada para Lisboa, onde actualmente está servindo de encarregado de negocios e ao mesmo tempo de delegado do Brazil ao Congresso Postal Internacional, agora reunido na nossa terra.

Emquanto ao diplomata aqui tem em breves traços a sua carreira rapida e honrosa, que o levou aos quarenta annos a um dos postos de primeira ordem da diplomacia brazileira, a secretario da legação imperial em Lisboa.

Emquanto ao poeta a sua vida é tão cheia de glorias, cada um dos seus passos litterarios accentuou-se na litteratura brazileira por uma obra prima de tal valor, que n'esta rapida noticia biographica escripta a correr, com pouco tempo e menos espaço ainda, apenas podemos citar essas obras, que marcam a sua ascenção ao logar eminente que hoje occupa nas lettras brazileiras.

Luiz Guimarães entrou na vida litteraria pela porta da redacção do *Diario do Rio de Janeiro,* onde durante 3 annos escreveu chronicas, folhetins, artigos de critica que fizeram logo certo ruido em torno do seu nome na vespera desconhecido.

É numerosa a lista dos seus livros e dal-a-hemos pela sua ordem chronologica *Uma scena contemporanea,* comedia; *Historias para gente alegre,* 2 volumes; *Filagranas,* 1 vol.; *Curvas e Zig-zags,* 1 vol.; *Nocturnos, Contos sem pretenção, Biographia de Pedro Americo, Biographia de Carlos Gomes, Corymbos,* o seu primeiro volume de versos, publicado em Pernambuco, *Sonetos e Rimas,* publicado em Roma, o livro em que o talento possantissimo do poeta irradia em toda a sua plenitude, que tornou universal por toda a parte onde se lê o portuguez o seu nome glorioso, e que teve um acolhimento excepcional (a edição de 1500 exemplares esgotou-se em 8 mezes).

Luiz Guimarães tem mais um livro sobre a Italia — *A Patria do Ideal,* e escreveu muitas comedias, dramas, entre elles *André Vidal,* drama historico, *As quedas fataes,* drama em 5 actos; *Um demonio,* comedia em 2 actos; *O caminho mais curto, A gallinha e os pintos,* representadas em Pernambuco e no Rio de Janeiro.

O illustre poeta tem inedito o livro *Lyra final,* que brevemente vae dar á publicidade o livro que é um *recueil* de preciosidades e a que pertence aquella deliciosa poesia *Mater Dolorosa,* que Luiz Guimarães recitou na *matinée* do *Correio da Manhã* e que lhe valeu tão grande ovação.

Luiz Guimarães é official da ordem da Rosa do Brazil, pelos relevantes serviços prestados ás lettras nacionaes, commendador de Christo, cavalleiro de S. Thiago e da Conceição, de Portugal, do Santo Sepulchro de Jerusalem e de S. Gregorio Magno de Roma: socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio honorario da Academia de Bellas Lettras, de Santiago do Chili, e da Associação dos Escriptores e Artistas Hespanhoes, dos Escriptores Portuguezes, dos Escriptores Brazileiros, membro da Arcadia Romana, sob a designação de *Admeto Priamideu,* da Academia Tiberina da Dei Quiriti de Roma, das Sociedades de Geographia d'Italia, de Lisboa, e do Porto, etc.

O trabalho de Luiz Guimarães não se póde apreciar n'uma rapida nota biographica, escripta sobre o joelho, tem direito a um estudo serio e demorado, porque é a manifestação d'um dos talentos mais robustos e originaes do nosso tempo, e porque esse trabalho representa uma pagina das mais gloriosas da moderna litteratura brazileira.

Esse trabalho porém é tão importante que nem sequer podemos tentar esboçal-o aqui — apenas visámos a acompanhar o retrato d'esse glorioso rapaz que é ao mesmo tempo um dos caracteres mais formosos que conhecemos, como um pequeno apontamento biographico, onde nem mesmo tivemos occasião de metter alguns traços da sua biographia pessoal, d'essa biographia que veiu ter em Lisboa uma das suas mais dolorosas e luctuosas paginas — pois foi em Lisboa que o grande poeta perdeu sua adorada esposa, essa casta e querida musa que inspirou muitos dos seus mais formosos versos.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

A KERMESSE DOS JORNALISTAS NO JARDIM DA ESTRELLA

Apresentamos hoje, para que fiquem na memoria, como padrão de acontecimento notavel, algumas barracas da *Kermesse* realisada pela Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, em beneficio das victimas dos terramotos que se deram, e se dão ainda na formosa e infeliz provincia de Andaluzia.

Ha tempos a esta parte, todos os tristes acontecimentos succedidos tanto no mundo physico, como no mundo moral, teem levantado nos corações portuguezes a grande idéa da caridade universal, que faz com que todos os homens se tornem irmãos na dôr e nas desventuras, embora até ao instante do soffrimento andassem separados pelas ambições, e pelas grandezas alcançadas por uns, e invejadas pelos outros.

Mas a civilisação ensina e educa. As luctas sociaes travadas para vencer adversarios, uma escolha de meios ou de armas, acabam sempre deante da desgraça commum, e hoje é bello ver como os odios antigos, alimentados durante seculos, cahem de repente em face das desgraças produzidas por inimigo extranho ás paixões dos homens, e como sob o grande principio da conservação da existencia, da lucta pela vida, se alevanta logo a guerra heroica e corajosa, que, segundo a nobre phrase de Sebastião José de Carvalho, enterra os mortos, mas trata dos vivos!

E' esta a gloriosa e eterna aspiração do sêr intelligente e forte chamado homem.

Luctar sempre.

Hontem as innundações: hoje os terramotos: phenomenos metereologicos e geologicos que não se podem vencer, nem sequer evitar.

Embora! As casas reconstruem-se, e os campos semeam-se de novo; e emquanto se não levantam as casas, e os campos não produzem, os gritos dos que teem fome poucos instantes serão ouvidos, porque aquelles que hontem eram seus inimigos ou indifferentes, são hoje seus amigos e seus irmãos; tanto bastou para isso, que entre as nações divididas se levantasse o traço de união que se chama desgraça, a affirmar o sentimento que se chama caridade.

Praticou pois o bem a Associação dos Jornalistas, como o praticavam todos os que na sua *loucura* de benificencia, tiraram do seu trabalho, para

todos os que ficaram sem o pão, por que trabalhavam tambem.

Feita esta justiça aos iniciadores da festa, vamos ás nossas gravuras, e comecemos pela barraca

El Molino de Quijote

que é, como veem, uma allusão espirituosa, e de verdadeiro sabor local, ao episodio comico da monumental obra de Cervantes, o primeiro philosopho de Hespanha, o terrivel Attilla das cavallarias andantes.

Pintado pelo distincto artista Alfredo Keil, *El Molino* apresenta a propriedade de linhas, e côres velhas de madeira exposta ao tempo, que nos leva á epocha feliz d'aquellas aventuras, em que o heroe da Mancha tanto se assignalou.

Mas olhando attentos o moinho, temos tambem para nós, que o bom cavalleiro, se cá voltasse a correr *passos*, por certo o não atacaria hoje. Demais o cremos *leal servidor de sua dama*, e, por isso mesmo é nossa fé, que D. Quijote, por fiel se partiria logo d'alli, pois não se arriscaria a quebrar a jura, perante o *porte senhoril e gesto brando* d'aquellas senhoras que, com umas maneiras deliciosas de pedir, de certo o fariam partir em carreira desordenada, a quatro pés do seu Rocinante, emquanto o gordo amigo Sancho, o pratico, o bom burguez sensato, se chegaria rindo ás damas, a comprar-lhe *sortes*, cujo valor fosse minorar as desgraças dos seus conterraneos andaluzes.

Tu fugirias, ó Quijote! E como cavalleiro fiel á tua divisa, e escravo da tua dama, e das tuas loucuras, tu irias para longe, *calar* fechar de novo a viseira do teu elmo, dentro do qual levarias a tua cabeça vazia de idéas boas, emquanto este moinho abria as suas portas á grande idéa de Christo, para em breve ficar cheio de pão que hade dar força a todos os pobres que tem fome.

O pavilhão da imprensa tem o cunho chinez. E' um elegante kiosque, pintado pelo sr. Joaquim Guilherme Ferreira, que prestando-se a largar os labores da sua arte, cooperou gratuitamente para o explendor da festa.

Não é facil a descripção minuciosa do pavilhão, nem é isso para admirar, visto que representa trabalho de chinezes, os habitantes da terra que se conhece dotados de mais paciencia, e naturalmente de vagar, para fabricar os nadas em que são insignes.

O que é verdade é que o pavilhão da imprensa, ainda como as outras barracas, tem propriedade na festa. E' da imprensa, e é chinez. Foram os chinezes quem primeiro ensinou a ler e a philosophar o resto do mundo.

Os Fos e os Zoroastros por lá, cremos comtudo que tem decahido muito. Assim o pavilhão da imprensa deverá ser considerado com propriedade, mais como lembrança da sciencia chineza antiga, do que como preito á moderna.

E assim passamos á ultima das nossas gravuras, que representa, como instituição nacional, um dos maiores adeantamentos, e patriotica iniciativa da Camara Municipal de Lisboa.

O que vemos? O batalhão municipal chegando ao acampamento, a barraca de campanha, a charanga do batalhão, e as companhias formadas á espera da ordem de destroçar.

Muitos dos nossos leitores são paes ou parentes dos soldados do batalhão municipal. Attentem bem. A farda d'aquellas creanças dá-lhes a ellas a convicção da sua utilidade, e os instinctos patrioticos das nações não se criam d'outra fórma.

Em todas as nações adeantadas se observa hoje o principio, de que todas as instituições, para ser validas e uteis devem de ser criadas dentro das idéas de rigidez e disciplina bastante, para que os seus funccionarios, cumprindo o seu dever, não se deixem levar pela idéa comesinha do louvor, mas simplesmente pela da justiça ao dever cumprido.

Estes pequenos soldados de hoje serão os grandes heroes de amanhã.

São os nossos filhos, os defensores dos nossos lares, da nossa propriedade, da independencia dos paes que com os maiores sacrificios fizeram d'elles os cidadãos uteis, que amanhã arriscarão a vida pela patria; esta patria, que a historia, que hoje aprendem, lhes apresenta como uma terra conquistada e reconquistada vinte vezes, ganhando por fim, pelo valor de seus filhos, a independencia e liberdade, que elles, os novos cidadãos, devem de sustentar ainda á custa dos mais heroicos sacrificios.

O batalhão municipal de Lisboa hade ser, esperamol-o, incentivo util para todas as escolas do paiz.

Vae longo o artigo, e falta-nos comtudo apontar as barracas das flôres, dos tabacos, da *Andaluzia*, e *Portico de Pompeia*.

Apenas algumas palavras ácerca da ultima.

Em seguida ao *Molino de Quijote*, n'uma volta de rua, á direita, encontra-se o

Portico de Pompeia

pintado pelo sr. Luiz Baptista, instruido artista amador. E' uma frontaria singela, sustentada por dois arcos de tijolo, de volta redonda, appoiados n'uma columna. A parede apparecia gasta e esboracada, como se aquella fosse a primeira das ruinas descobertas nas escavações da velha cidade italiana.

D'um aspecto severo e humido, parecia que durante seculos se lhe haviam infiltrado por entre as pedras, atravez do terreno vulcanico, as chuvas prolongadas de muitos annos, e que aquellas paredes molhadas só esperavam pela luz, e pelo calor do sol, para que as eras, e todos os parietarios viessem logo nascer, e dependurar-se das fendas abertas no velho cimento romano, pelas pedras desconjuntadas.

Ao meio, uma columna de caneluras formada por tres pedaços de marmore, mal unidos já, dava ao todo o equilibrio difficil e perigoso da ruina antiga e abandonada. Produzia-nos o seu aspecto a impressão scismadora e absorvente que nos assalta sempre, quando em frente das coisas de outra edade, nos remontamos do bulicio da attroante civilisação moderna, ao silencio e á quietação eterna dos tempos que, para os homens de hoje só podem ter voz na historia, ou, quando muito, n'umas tristes ruinas caladas, desertas, mortas para sempre.

Assim aquelles arcos esboracados, mettidos a custo por aquella columna velha, mordida, e apagada nos frizos pelo tempo, vinham estabelecer o contraste pungente que a moda hoje constitue em belleza, nos espectaculos modernos.

Porque o *Portico de Pompeia* dava hoje accesso ao recinto onde se via o Sévres, e a oleographia, os vazos de jaspe italiano, e lá dentro não se encontrava a urna cineraria de terra cosida, a lampada de barro vermelho, o lacrimatorio de vidro despolido, os lampadarios heroticos dos banquetes romanos, as pinturas, e os azulejos, que nunca mais se reproduziram.

Em todo o caso o *Portico de Pompeia* tem como a primeira barraca, sabor local.

Segundo uma das theorias da formação da terra, os terramotos produzem vulcões; e Pompeia subvertida pela lava de um vulcão, podia ter sido exemplo para qualquer povoação de Hespanha, se os terramotos d'alli produzissem, pela corrente do calor central, uma erupção que produzisse as lavas bastantes para a soterrar.

Repetimos os nossos parabens, e congratulamonos com o resultado brilhante alcançado pela commissão executiva da Kermesse. E para satisfazermos ainda um intimo prazer, embora não tenhamos pedido o seu consentimento, consinta a commissão, que aqui publiquemos os seus nomes, que temos fé, hão de ficar assignalados nas paginas da historia da caridade, que tanto vae honrando Portugal.

Commissão executiva da Kermesse do Jardim da Estrella, a favor das victimas dos terramotos de Andaluzia

Cypriano Jardim, official de artilheria, deputado, e jornalista.

David Corazzi, editor, e jornalista.

João Augusto Barata, funccionario publico, e jornalista.

José Miguel dos Santos, professor e jornalista.

Zephyrino Brandão, official de artilheria, e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

A GUERRA DO SOLDÃO

KARTUM CAHIDO EM PODER DO MAHDI

Um novo facto importante da guerra do Soldão, vem hoje occupar as nossas paginas, onde já por varias vezes temos referido os acontecimentos mais notaveis d'esta guerra interminavel e em que a Inglaterra tem soffrido perdas consideraveis.

O facto de que hoje nos occupamos é o da queda de Kartum, que estava occupada pelas forças inglezas á frente das quaes se encontrava o general Gordon, em poder das tropas do Mahdi.

A cidade foi entregue por traição de Faraghpachá, homem em quem o general Gordon depositava a maior confiança, pois tinha sido elle que o libertára da sua condição de escravo e o protegera até o elevar á dignidade de pachá!

D'esta infame traição resultou a morte do general, que foi uma das primeiras victimas dos invasores da cidade. D'este general já o OCCIDENTE a paginas 83 e 88 do VII vol. publicou a biographia e retrato.

Parece que a traição comprada por Mahdi fôra ajustada com Faragh-pachá por 150:000 florins, e quando o traidor reclamou do Mahdi esta importancia, este lhe quizera dar só 60:000 ao que elle não annuiu, resultando então o Mahdi mandal-o enforcar.

Foi no dia 26 de janeiro ultimo que, pela manhã, as portas da cidade de Kartum foram franqueadas pelo traidor, ás tropas do Mahdi, e n'essa mesma manhã caiu morto pela fusilaria inimiga o general Gordon, quando procurava refugiar-se no consulado de Austria.

A guerra do Soldão já tem feito perder á Inglaterra um bom numero de generaes, e Deus sabe quantas mais victimas fará, attentas as condições excepcionaes d'esta lucta travada entre tropas regulares e as tribus fanatisadas pelo Mahdi.

A Inglaterra está perdendo os seus exercitos e o seu dinheiro, o Mahdi não perde nada. A gente que o acompanha morre por elle com a fé de que se salva, e tanto lhe basta. N'esta situação não é facil de prever um triumpho para os inglezes.

Uma circumstancia aggrava as condições financeiras da guerra. O general Gordon defendendo a cidade de Kartum desde março do anno passado e privado de poder communicar com o exterior, viu-se na necessidade de fazer papel moeda para occorrer ás despezas da sua gente, etc. Esse papel moeda firmado pelo general eram outras tantas ordens de pagamento sobre o banco de Londres, que os argentarios de Kartum descontavam não se sabe com que usura, e portanto, não se póde calcular a quanto montará a importancia que o governo inglez terá de pagar pelo papel moeda emittido.

A queda de Kartum obrigou o governo a enviar novas tropas para o theatro da guerra, e essas tropas que irão reforçar as forças inglezas em Korti ás ordens do general Wolseley, deverão entrar em campanha nos fins do corrente mez, se lá poderem chegar, pois que a posse de Kartum pelo Mahdi deu a este mais elementos de resistencia, havendo já noticia de elle ter reforçado consideravelmente o seu exercito, em numero de 60:000 homens, e de se preparar para um movimento sobre Metammeh.

Accresce a isto a noticia de que os irlandezes residentes na America abriram uma subscripção em New-York, Philadelphia, Boston e Buffalo, a qual já monta a 15:000 dollars, com o fim de auxiliarem o Mahdi contra a Inglaterra, tratando de organisarem a primeira expedição de 1:000 homens armados, mas que se servirão sobretudo de dynamite.

Este desforço dos irlandezes contra a Inglaterra é bastante singular.

Digamos agora alguma cousa a respeito da cidade de Kartum de que publicamos uma gravura a paginas 61.

A cidade de Kartum é a capital do Soldão oriental, e está edificada proximo da confluencia do Nilo Branco e do Nilo Azul. Foi fundada pelo vicerei Mehemet-Ali por 1830, para centro politico e commercial entre o Lenaar, Kordofan, Fazok e o reino da Abyssinia. Actualmente conta perto de 40:000 habitantes, pela maior parte arabes e egypcios com uma pequena colonia de europeus.

Mehemet-Ali receiando uma revolta do Soldão contra o Egypto, dividiu, em 1856, aquelle vasto territorio em quatro districtos administrativos, e desde então Kartum perdeu a grande influencia que exercia sobre as outras cidades do paiz e o seu commercio perdeu muito da importancia que tinha, ficando a cidade nas peiores condições de vida.

O trafico da escravatura é a unica cousa que sustenta Kartum. Os negociantes d'este deploravel commercio, compram no interior d'Africa, a troco de quaesquer ninharias, bandos de escravos que conduzem a Kartum onde os vendem aos negociantes arabes e agentes turcos, que os transportam para Suakim, Massanah, Beilul e outros portos do mar Roxo, e d'ahi são enviados para a Arabia, Turquia e Persia, indo muitos tambem para o Cairo.

Isto torna Kartum uma cidade abominavel onde se não vê outro commercio que o da carne humana, e se commettem todos os delictos que andam ligados a tão degradante trafico.

Kartum tem edificios muito regulares e alguns, mesmo importantes, como o palacio do governo, onde residia o general Gordon, o consulado de Austria e a egreja dos catholicos.

A CANHONEIRA «VOUGA»

Registramos hoje no OCCIDENTE mais um novo navio de guerra portuguez, construido em o nosso arsenal de marinha.

O Pavilhão da Imprensa

El Molino de Quijote

O Acampamento do Batalhão Municipal

A KERMESSE DOS JORNALISTAS NO JARDIM DA ESTRELLA

(Desenho do natural por Christino)

E' uma canhoneira que recebeu o nome de *Vouga*, derivado do rio que, ao norte de Portugal, vem desaguar na ria de Aveiro.

A nova canhoneira com apparelho de barca, mede de comprimento, entre as perpendiculares, $49^{m},071$, de bocca $8^{m},381$ e de pontal $5^{m},88$.

O seu armamento consta de 4 peças d'amurada, sendo duas por banda e um rodisio.

A machina pertenceu a um outro navio da nossa armada, e foi aproveitada com vantagem para a nova canhoneira.

A sua construcção é muito elegante e prova que em Portugal ainda se não perdeu o geito das construcções navaes, apesar do abandono a que se tem condemnado esta industria, no primeiro estabelecimento do paiz.

Mal se comprehende que uma nação colonial e maritima como é Portugal, não tenha a sua industria de construcções navaes organisada e apta a produzir os navios de que o estado precisa.

Contentemo-nos com estas pequenas amostras que, de annos a annos, sahem do nosso arsenal, em contraste com os navios que nos vem do estrangeiro, feitos em poucos mezes.

Dr. Francisco Antonio Pinto
auctor das conferencias sobre o Zaire, no salão da Trindade
(Segundo uma photographia)

O DR. FRANCISCO ANTONIO PINTO

E as suas conferencias sobre o Zaire

Tem chamado extraordinariamente a attenção publica as conferencias sobre o Zaire, feitas pelo sr. dr. Francisco Antonio Pinto, no salão da Trindade.

A primeira d'essas conferencias realisou-se no dia 22, e as seguintes nos dias 26 de fevereiro, e 1, 5 e 11 do corrente.

O interesse e importancia que tem os assumptos africanos, hoje que todas as attenções estão voltadas para Africa, como para um novo mundo que venha fortalecer com as suas vigorosas forças virgens, a velha Europa depauperada por uma civilisação gasta dentro dos seus limites; tudo quanto nos venha fazer luz sobre aquelle novo mundo; todos que nos venham falar das suas viagens atravez d'aquellas regiões, tornam-se dignos da nossa consideração e respeito, pelo relevante serviço que prestam, e merecem consignar-se nas paginas da nossa historia, a par dos que descobriram essas mesmas regiões.

Se os portuguezes foram os que primeiro devassaram a Africa e ensinaram ao mundo o caminho de lá ir, sejam ainda os portuguezes, que depois de terem lançado ali as primeiras luzes da civilisação, completem a sua obra, desenvolvendo e fortalecendo essa civilisação, porque se elles a não completarem, não nos parece que outro povo esteja apto a fazel-o, apesar de todos os exforços que outras nações façam para o conseguir.

Ao lado, pois, dos nomes de Capello, Ivens, Anchieta, Serpa Pinto e outros exploradores portuguezes que nos ultimos tempos se tem empenhado em estudar aquelle paiz, inscrevamos hoje mais um nome, o do digno juiz de direito de Loanda, dr. Francisco Antonio Pinto que, apesar da sua missão official ser bem differente da de um explorador, não duvidou acceitar a commissão que o governo de Angola lhe confiou em 1883, para proceder a um inquerito do commercio de extrangeiros, no Zaire.

O dr. Francisco Antonio Pinto, nasceu em Alva, provincia da Beira Alta, a 6 de janeiro de 1851.

Cursou a Universidade de Coimbra, onde estudou Theologia, que abandonou, formando-se em Direito no anno de 1875. Voltou, então, á terra da sua naturalidade, onde exerceu a advocacia até 1877.

A GUERRA DO SOLDÃO — Vista da cidade de Kartum, cahida em poder do Mahdi, em 26 de janeiro de 1885

Sendo nomeado delegado curador geral dos serviçaes e colonos de Ambaca, na provincia de Angola, para ali foi em 1879.

Fez varias viagens ao Zaire e costa do norte até Magumba, em exploração, por sua iniciativa particular, e em 1883, encarregado pelo governo de Angola, de fazer um inquerito do commercio das casas extrangeiras estabelecidas em toda a costa do Zaire e interior, desempenhou-se d'esta commissão com inexcedivel zelo e intelligencia, e d'ella fez um relatorio para o governo.

O resultado das suas viagens e da commissão official que desempenhou, é que tem sido o assumpto das suas conferencias, na Trindade, conferencias a que tem assistido o sr. Pinheiro Chagas, ministro da marinha, a maior parte das classes do funccionalismo, do exercito, do commercio e dos jornalistas.

*
* *

Na primeira conferencia expoz o sr. dr. Pinto os motivos porque tivera occasião de fazer as suas viagens ao Zaire, e a maneira como tinha conseguido desempenhar-se da sua commissão de inquerito ao commercio das casas extrangeiras, commissão assaz difficil de realisar, sem despertar desconfianças e recusas em dar esclarecimentos por parte dos interessados.

Para conseguir o resultado desejado, teve que se disfarçar em caçador de hyppopotamos, disfarce que não só lhe aproveitou para effectivamente caçar aquelles bichos, mas que lhe serviu do maior auxilio nas suas investigações, como depois demonstrará.

Passou a descrever a costa africana até á embocadura do Zaire, ou o littoral da provincia de Angola, dando uma idéa geral da zona, oreographia, hydrographia, flora e fauna, anthropologia das raças, seus usos, costumes, moral, religião e artes.

A costa ou littoral da provincia de Angola, é, na sua maior extensão, um areal arido e esteril, onde se não vê vecejar uma planta.

Esta aridez desapparece junto aos cursos dos rios affluentes, onde então se desenvolve uma umberrima vegetação. Encontra-se n'esta costa uma boa industria de pesca, explorada por pescadores algarvios.

Falou ainda da possante vegetação que se encontra para o interior d'esta costa, descrevendo as povoações mais importantes que constituem a provincia, n'uns ligeiros traços.

Referindo-se á zoologia, cita os leões que abundam em Mossamedes, e diz que estes raras vezes investem com o homem, o que prova serem ali de uma indole menos feroz. A este proposito conta que um lavrador, chamado Nestor, ali estabelecido, conseguiu em poucos annos dar caça a dezeseis leões, com o maior atrevimento e ousadia.

A primeira conferencia deixou o auditorio ancioso pela continuação, que promette ser cada vez mais curiosa. Fala com muito conhecimento de causa e expõe com muita simplicidade e clareza.

(Continua) *C. A.*

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 223)

Obrigada pela tua carta, Thereza. Fizeste-me chorar as mais consoladoras lagrimas de gratidão. O que seria de mim, o que seria da tua pobre Helena, sem o affecto do teu coração generoso?! Ha dores tão tormentosas na nossa alma, e ás quaes succumbiriamos fatalmente, se não fosse o extraordinario alivio que nos vem de as repartir por aquelles que nos são mais caros. É-nos indispensavel ter no mundo alguem, que sinta e que adivinhe a nossa alegria e as nossas maguas. A propria felicidade só é completa, quando d'ella participam todos aquelles que estremecemos; d'outro modo será como o thesouro do avarento, o qual longe de lhe proporcionar a tranquillidade e a paz, é a causa incessante do seu tormento.

Já não posso deixar de te dizer tudo o que tenho soffrido. Tentei fazel-o nas minhas ultimas cartas, e não sei o que me forçava a occultar-te a verdade. Pensei por vezes se seria o orgulho da propria desgraça, que obriga os infelizes a sorrir tanto mais, quanto maior é a magua que os opprime!... Orgulho! Eu orgulhosa para ti, minha amiga! Hoje, posso affirmar-te que era outra a causa. Se estivesse junto de ti, não teria soffrido tanto, não; longe, quasi que chegava a córar de vergonha, quando me dispunha a escrever-te, com o receio infantil de confiar a uma carta o que nem ao mensageiro mais discreto e fiel se confia! Parece que até o nosso coração, Thereza, em certos momentos, obedece a um sentimento de pudôr. Ja não posso ter hoje estes escrupulos. O meu soffrimento é superior á minha razão. Quero que saibas tudo, Thereza, e que possas calcular os dias de amargura que tenho passado, quando tu imaginavas que esses dias eram talvez os mais risonhos da minha vida!

Tu já deves ter adivinhado o amor que eu sinto pelo Bernardo. É d'esse amor, que é a um tempo a minha felicidade e o meu martyrio, que unicamente vive o meu coração. Quantas luctas entre a minha razão e o meu sentimento, antes que eu de todo me deixasse possuir d'esse affecto, Thereza!

Afinal, vencida, entreguei todo o meu coração ao amor d'esse homem, que a minha innocencia revestira de todas as qualidades! Julguei que era verdade tudo quanto elle me dizia! Foi uma illusão apenas de alguns dias! Era um capricho da sua vaidade. Eu talvez tivesse offerecido uma resistencia maior á vehemencia dos seus protestos apaixonados; e assim o desejo de me subjugar augmentava na proporção da minha indifferença! Que gloria de me vencer! Conseguiu-o finalmente, Thereza! Canseguiu-o; e, apenas me viu presa do seu amor fementido e traiçoeiro, teve o desdem cruel do conquistador, e sorriu-se da minha candura!

Eu sinto-me de tal modo ferida no meu orgulho e no meu coração, que não sei o que digo, Thereza! Escrevo-te cheia de febre. Ha duas noites que não consigo dormir; e se Deus não tiver a piedade de me deixar morrer, receio que este martyrio dê comigo doida.

Adeus, meu unico amor! Beijo-te cheia de lagrimas.

Helena.

(Continúa) *Alberto Braga.*

OUTRA EXPOSIÇÃO

Lendo em certas folhas alegremente festeiras, — e exuberantes de elogios tão açodados e accêsos que se tornam equivocos, — annunciada e cantada a abertura d'um bazar de obrinhas de arte, organisado por alguns artistas interlopes e outros, no mesmo local onde se exhibiram recentemente os escolhidos quadros do «Grupo do Leão», com o proposito manifesto e quiçá cavilloso de aproveitarem espertamente o ar ainda chôco do enthusiasmo, que acolhe sempre os pequenos *salões* dos nossos bons pintores modernos, todo me fervi d'alvoroço, e soffrego, esfandegado, corri a vêr a nova exposição, beliscado, espicaçado, atanazado por uma curiosidade invencivel. Ora, eis aqui os curtos apontamentos, que, n'um espanto desilludido, hieroglyphei rapidamente em papel almasso com um rude lapis mal aparado:

«Ausencia de catalogo, supprimido pela gulosa pressa na montagem d'este curioso estabelecimento de negocio — passageiro; é preciso que uma pessoa se dedique e se derreie procurando enxergar, pelos cantos das télas, os nomes dos auctores. Attrahido promptamente pelos mais serios trabalhos, acho em primeira linha:

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro. — Eis verdadeiramente uma artista de raça. Os seus *malvaiscos* pintados a oleo são deliciosamente e tentadoramente frescos, sedosos, d'uma fina coloração certeiramente reproduzida, ao passo que o denegrido jarro bojudo os acompanha bem, tocado com uma experiente observação victoriosa. Para abundantemente provar o seu talento delicado e firme de colorista, basta, demais, a interessante exposição das suas pinturinhas em faiança, com os mesmos bonitos malvaiscos e uns velludineos amores-perfeitos, cuja segurança de execução surprehende e encanta.

Villaça. — Expõe um espirituoso quadrinho de proporções exiguas, onde as figuras immoveis de dois diabos de egoistas ferozes se mostram satisfeitamente ankylosadas no infinito regalo da — pesca á linha. Isto é pequenino e simples, mas feito com uma superior finura, que revela um artista de grande valor, — comprovado mesmo pelo quadro *Sem amores*, verde paysagem plana sob a luz crepuscular da atmosphera nublenta, com um primeiro plano habilmente pintado, detalhado n'uma rigorosa minuciosidade de bom gosto, ao passo que o segundo se empasta naturalmente, e dá apenas a mancha da côr; porém a linha do horisonte é tão nitida, que destaca e discorda estranhamente no conjunto largo e sincero da téla, onde tres figuras entram como agradaveis accessorios. Outros frivolos trabalhos apresentados furtam-se á menção; são falsos e vulgares, absolutamente desnudados de reaes qualidades artisticas.

Encontro em seguida:

Greno. — Paysagens ridiculamente pueris. Varios interiores, d'um desenho miudo e pertinaz, correcto, mas acanhado, e d'uma côr intensamente crua e dura. *Um pequeno calculo* é, todavia, uma téla interessante, — e, com a sua animada velhota attentamente entretida a contar pelos dedos, parece até resumir philosophicamente em si, por uma casual e tosca allegoria ironica, o espirito todo mercantil d'este ambicioso bric-á-brac desordenado.

Hogan. — Assim comprehendida e levianamente praticada, a aguarella não passa da perfeita arte affectada, dilecta aos curiosos, em que livremente se póde ser incompleto no desenho e mentiroso na côr. Convém constatar que o sr. Hogan tem a mancha habilidosa.

Pereira Junior. — Uns prateados e reluzentes peixes, executados com uma viva frescura completamente feliz. Decorações exoticas — por encommenda, e, havendo quem queira, para exportação.

Felix da Costa. — Numerosos retratos d'uma chata factura fria, massada, inexpressiva e banal, com raros pedacinhos tocados espontaneamente. Um ineffavel critico de contrabando teve o manso arrojo inoffensivo de inculcar este artista como o continuador de Miguel Angelo Lupi. Como o pobre grande pintor estremeceria colericamente na sua funerea campa, elle, o torturado e insaciavel amante da pura Arte gloriosa e altaneira, o trabalhador apaixonado e obstinado, incapaz de transigir vez alguma com o pataco brazileiro!

Torrielli. — Entendem-se e estimam-se os retratos á penna feitos a largo traço, de maneira que cheguem a dar por vezes uma impressão artistica d'aguas-fortes; mas os que este amador expõe não representam mais do que um prodigio de paciencia caturra e rija — como a rocha.

Diaqué — Exemplar typico de certas reputações ruidosas de traz dos reposteiros, e que se estragam miseramente mal véem ao sol. Mostranos o fusco e perturbador cahos — a retalho. Paysagens tenebrosas, redondinhas engommadeiras com violentados nomes romanticos, mulheres desavergonhadas com detestaveis pernas ao léo, burros sentimentaes abraçados a broncos rapazolas, cães pôdres, rasteiras imitações coloridas de gravuras, marinhas com opacas aguas monotonas, que parecem firmes como o solo mais impenetravel, e com tristes atmospheras pardas e baças, — tudo elle pinta, e tudo afunda n'uma fantastica penumbra mysteriosa, como que accumulando pavorosamente uma torpe negação da luz. E' o extraordinario do mediocre! — Mas, deixem lá, uns myopes de especies variadas, entre os quaes se impõe interesseiramente certo considerado commerciante possuidor d'um notavel armazem de retem de obras d'arte, clamam e espalham que descobriram sagazmente n'esta pintura — escura e vêsga, embrulhada e dubia, o louco e febricitante fogo-fatuo do genio. Quão perspicazes!

E como não tem que vêr o resto da exposição, aproveito agora com fervor este aproposito, para me despedir polidamente:

— Bôas noutes!»

Monteiro Ramalho.

ANTES DA HISTORIA

I

REPASTO PRIMITIVO

Como era bella a Europa,—ha duzentos mil annos,—
Quente, expansiva e forte, isenta de tyrannos!...

Um sol incubador, alegre e rutilante,
Caçoléta de luz com pontas de diamante,
A illuminava então, a vinha acariciar,
Mandava-lhe o calor e a vida em cada olhar.
Ouvia-se bem alto a voz da Natureza,
Creando a profusão, distribuindo a riqueza.
Os ares abalava e largo percorria
Um fremito vivaz de amor e de energia,
Que as intranhas da Terra em spasmos de prazer,
Em vágados de mãe fazia estremecer.
Giganteos animaes, cetaceos ampliformes,
Das lagôas no azul punham borrões enormes,

Seguiam pela selva em paz, sem rumo certo,
E acordavam rugindo os echos do deserto.
A vida vegetal, com todo o seu vigor,
Cantico do perfume, apotheose da côr,
Alargava-se douda, espessa, tumultuosa,
N'um phrenesi de gloria... a coma victoriosa
Do murmuro pinheiro enchia as cumiadas;
Alvas flores gentis como anjos de balladas
Emergiam da sombra, aereas e louçãs;
E a seiva era pujante e as plantas eram sãs.

N'esse tempo remoto, o nosso antepassado,
— O homem primitivo, — estava acorrentado
A uma existencia hostil, esmagadora e rude.
Soffria enormemente; e desde a juventude,
Desde a infancia á velhice, o seu triste viver
Não consentia um só momento de prazer.
Aquelle ardente sol mordia e calcinava;
O ambiente, excessivo e forte, molestava
Ao nosso antecessor o corpo melindroso;
Das féras as legiões traziam-no receoso;
Por muito rico, o ar cançava-lhe os pulmões;
Cortava-lhe a floresta o passo ás migrações...
E o pobre troglodyta, errante, miseravel,
Como para fugir ao destino implacavel,
Vagueava sem descanço,—impotente Ashaverus,—
A vida subjugada aos negros tons severos
Do infortunio fatal, da noute, da oppressão.

Afogavam-lhe a fome e a ira o coração!

Corpulento, feroz, maxilla proeminente,
Cabeça deprimida e ossatura salinte,
Lá caminha ao acaso... adextra-se na lucta,
Dia a dia o alimento aos seus eguaes disputa,
Intrega-se por gosto á pratica do Mal;
É estupido e cruel, um monstro, um canibal!

*
* *

Fulminado de morte, um velho mastodonte
Tombára pelo chão junto á raiz de um monte.
Alentado colosso, immensa mole escura,
Com a força da queda abrira a sepultura;
E, em terra o amplo dorso e os membros para o ar,
É qual bojuda nau que vae a sossobrar.

Dois homens a distancia o olham cubiçosos.
O grande corpo inerte appetecem gulosos.
Inclinados á frente, a vista dilatada,
Humida a grossa lingua, a bocca escancarada,
Computam de antemão a bondade e o sabor
D'aquelle acervo cru de gordura e fedor.
Que opulencia de forma e que feição tão pura!
Que largueza de rins! que bella carnadura!...
De medo que elle ainda o alento derradeiro
Não tivesse exhalado, atiram-lhe primeiro
Uma pedra, que ao monstro uma das mãos tocou.
O membro percutido apenas oscillou
Na molle distenção da inercia e do abandono...
E o animal continuou dormindo o eterno somno.

Os nossos dois avós pulam de regozijo!
Acercam-se do morto, e, ao impulso rijo
Dos seus musculos de aço, a quebra do jejum
Celebram cabriolando e rugindo em commum.
Titeres sensuaes, famelicos, gigantes,
Quebram-se em contorsões febris, extravagantes,
Como as que a fome e a dôr nas avidas intranhas
Vão dançando tambem.
Depois pelas montanhas
Accendem de redor espessos fogareus,
Para o lauto banquete a invocarem os seus.
Breve de toda a parte acodem os visinhos,
Deixando as solidões, devorando caminhos.
Tisnados, porcos, nus, armados simplesmente
De lancetas de pedra, aquella ignobil gente,
— Imagem da miseria e da sofreguidão, —
Tendo a astucia do abutre e a sanha do leão,
Atira-se com furia ao grande corpo imbelle;
A golpes de calhau rasga-lhe a dura pelle;
Devassa torpemente a espessura adiposa,
Em cata do manjar, da febera gostosa;
Berra como um marujo inglez no botequim;
Arranca, fende, corta, espedaça... e por fim
Mergulha com delicia os dentes no boccado
Que lhe quadra melhor ao gosto depravado,
E que é já corrompido, esqualido, desfeito!

Sordidos commensaes, vão mastigando a eito
O cadaver gigante e putrido. A avidez
Investe-os de rancor... e brigam muita vez,
Disputando a ração mais apreciada e fina.
Pairam sobre o monturo as aves de rapina.
A hyena espreita e ri...
Mas de homens, entretanto,
Uma nova legião remedio ao seu quebranto
No asqueroso festim vem cupida buscar.
Arremette voraz... quer por força um logar!
Ferve renhida a lucta e dobra a vozearia.
Salpica sangue humano a fluida porcaria
Do mastodonte immundo. Em torvo paroxismo,
Dão-se combate alli a fome e o egoismo.
Atropellam sem dó, esmagam... Afinal
Todos minam á farta o pingue manancial.

*
* *

Estupidos agora, inertes, saciados,
Ahi jazem, sobre a ossada enorme estatelados...
O Sol, que vae no occaso, inunda-os de vermelho.
Anda perto na faina o torpe escaravelho.

Que abysmo entre este quadro indécoro, bestial,
E a ingenua ficção do Paraiso Terreal!...

Abel Acacio.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Continuado do n.º 222)

A guerra civil veiu desviar Rosa da sua carreira: fel-o deixar a palheta pela espingarda.

Quando acabou a guerra Rosa era sargento do quinto batalhão movel. Despiu a fardeta, envergou outra vez a blusa de artista e começou então a fazer retratos, e com uma rapidez vertiginosa por todos os preços, retratos excellentes, retratos detestaveis, sobresahindo entre aquelles o do Epiphanio, de Talassi, da Delphina, e da propria esposa do joven retratista.

E vivia assim do seu lapis João Anastacio Rosa, quando um dia os jornaes annunciaram que o sr. Emilio Doux dava lições d'arte de representar.

Este annuncio fez uma completa revolução na cabeça de Rosa, e uma enorme revolução em toda a sua vida.

— Terei geito para o theatro? pensou elle.

E, tomado d'uma resolução subita foi ter com Emilio Doux, e disse-lhe que queria vêr se teria geito para o theatro.

O celebre francez que deixou o seu nome ligado ao renascimento da nossa arte scenica acolheu-o perfeitamente e deu-lhe para experiencia, o papel de Burdau na *Torre de Nesle.*

Rosa estudou esse papel com todo o amor, com toda a vontade de que é capaz quem sente dentro de si a vocação indomavel e imperiosa.

Quando voltou a recitar o seu papel diante de Emilio Doux fel-o por forma que o mestre offereceu-lhe immediatamente uma escriptura.

Esse offerecimento era o melhor dos applausos. Emilio Doux não os fazia a toda a gente; e se elle não era infallivel, se a sua desapprovação não devia desanimar ninguem, porque apesar de todo o seu olho artistico, Emilio Doux vaticinava que nunca seria nada em theatro o Taborda, o nosso grande Taborda, em todo o caso a sua approvação era um estimulo de primeira ordem.

O offerecimento feito por Emilio Doux atrapalhou muito o bom do Rosa.

O theatro fascinava-o, mas... o que diria seu pae, o que diria sobretudo o seu grande amigo e protector o patriarcha frei Francisco se o visse comico?

Hesitou por muito tempo, mas no fim de tudo, como não podia deixar de ser, a vocação venceu todas as considerações e Rosa assignou a escriptura que lhe offereceu o emprezario do theatro da Rua dos Condes.

D'alli a noites Rosa estreiava-se no papel de lord Cliton, na *Maria Tudor.*

Ninguem deu por elle, ninguem suspeitou sequer que estava assistindo á *estreia* d'uma futura gloria.

Quando Rosa se tornou saliente foi no papel do hespanhol Perez no *Estudante de San Cyro*

O hespanhol Perez era um tyranno feroz de dramalhão, e Rosa fel-o com tanta energia, com tanto *fogo*, que até chamuscou a cara do seu collega Lisboa.

O caso é contado por um biographo illustre de Rosa, cujos interessantes apontamentos nos tem servido de muito n'este primeiro periodo da vida artistica do grande actor, periodo que conheciamos muito pouco e apenas de tradicção.

Rosa tinha, como todo o bom tyranno, de disparar uma pistola em scena; disparou-a na bocca do seu interlocutor o velho actor Lisboa, quando este ia a falar.

O Lisboa com os beiços e a lingua chamuscados correu a queixar-se a Emilio Doux, que ao mesmo tempo gritava espavorido ao ouvir um grande ruido no palco: — Ai! que me deitam o theatro abaixo.

Era ainda o Rosa, que ao sahir de scena, encontrando fechada a porta que se lhe devia abrir de par em par a levava adiante de si!

Foi um vendaval o *debute* do Rosa, um vendaval que deu que falar e que poz logo em evidencia o *debutante,* que com a sua exageração melodramatica satisfazia plenamente as exigencias do publico d'então, que morria pelos tyrannos e pelos melodramas.

Rosa ficou sendo o tyranno terrivel de todas as peças que se representavam na Rua dos Condes.

Não houve patife colossal na historia e na litteratura dramatica em cuja pelle Rosa se não metesse, fazendo estremecer de horror e de enthusiasmo o publico de Lisboa.

No *Lazaro Pastor,* Rosa começou, ainda bem, a modificar a sua primeira maneira feroz e terrivel.

Entretanto, tantos tyrannos juntos iam dando cabo do Rosa. Isto de ser patife no theatro dá cabo da larynge como o demonio, e o Rosa pae, quasi mudo á força de berrar tiradas fulminantes, teve d'ir procurar nas aguas dos Pyrineus remedio aos seus males.

Era isto em 1846, quando a companhia da Rua dos Condes já separada de Emilio Doux e da empreza do conde de Farrobo, explorava em sociedade o theatro de D. Maria II.

As aguas de Cauterets fizeram-lhe bem á garganta: os ares de França fizeram-lhe bem ao espirito e Rosa voltou dos Pyrineus com outra saude e outros ideaes artisticos.

De volta a Lisboa a primeira vez que se apresentou em scena foi recitando a poesia do sr. Luiz Augusto Palmeirim, então em plena voga — *O Camões* e recitou-a com applauso unanime do publico e da critica.

É d'este tempo que, pode dizer-se, data o seu verdadeiro reportorio artistico.

(Continúa) *G. L.*

RESENHA NOTICIOSA

CABINDA. Segundo um telegramma enviado de Paris no dia 6 do corrente aos jornaes de Madrid, em virtude de noticias recebidas de Loanda, os portuguezes occuparam Cabinda, no dia 14 de fevereiro ultimo.

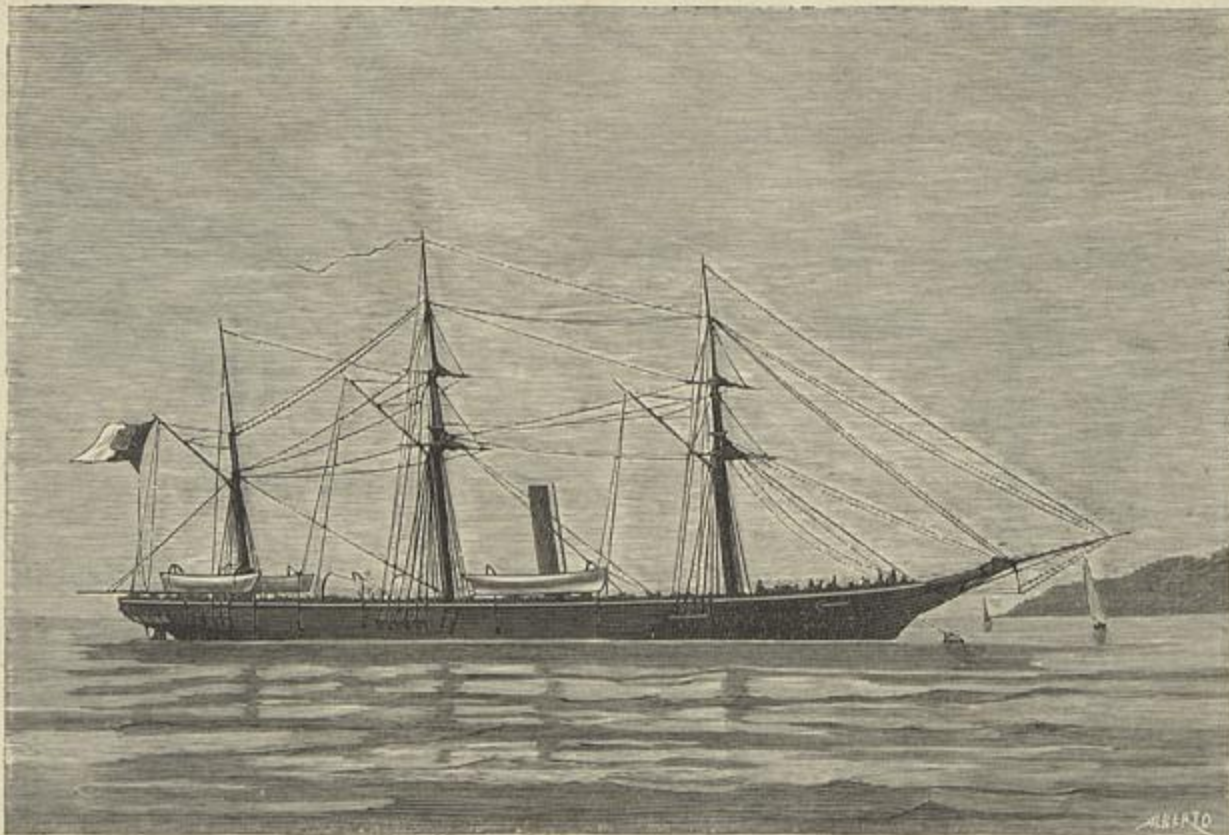
PORTO DE ABRIGO, NO FUNCHAL. Foi assignado o contracto para a construcção d'esta obra no dia 9 do corrente.

DONATIVOS PARA ANDALUZIA. Sobe a 34:000$000 de réis as quantias enviadas de Portugal para Hespanha, com destino ás victimas sobreviventes dos terramotos de Andaluzia.

CONFERENCIA. O sr. Leonardo Torres realisou hontem, na Sociedade de Geographia de Lisboa, uma conferencia publica, sobre as aguas medicinaes portuguezas. Presidiu a esta conferencia o sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, professor de chimica.

NOVAS VIAS DE COMMUNICAÇÃO ENTRE A FRANÇA E A HESPANHA. Foi assignado, em Madrid, pelo ministro de estado o sr. Elduayen, e o embaixador francez o sr. Michels, o tratado de construcção de duas linhas ferreas internacionaes, sendo uma por Canfram, partindo de Zaragoza até Pau, e a outra por Noguera Pallaresa, de Lerida até Toulouse. Estas linhas devem atravessar dois tunneis, sendo um em Somport e outro em Valle de Aráu, a despeza dos quaes corre ao meio, por conta das linhas francezas e hespanholas. A primeira linha que se vae construir é a de Noguera Pallaresa, por conta de uma companhia franco-hespanhola.

ANGINA DIPHTERICA. A Academia de Medicina de Paris annunciou um premio de 25:000 francos, para quem apresentar um remedio infallivel de curar aquella doença. Por emquanto não tinha apparecido nenhum que satisfizesse.

CIDADE VASCO DA GAMA. O sr. dr. Alexandre Meyrelles de Tavora do Canto e Castro, juiz da Relação de Gôa, enviou á Sociedade de Geographia de Lisboa, de que é socio correspondente, uma proposta para que se dê o nome de Vasco da Gama á nova cidade que se vae edificar em Mormugão, ponto de partida do caminho de ferro de Mormugão á fronteira ingleza. O projecto da nova cidade já foi remettido ao governo da metropole, e a proposta referida, insta pela approvação d'esse projecto, porque o caminho de ferro que vae ligar o Estado de Gôa ao imperio da India ingleza, deve estar concluido em 1887. O sr. Canto e Castro, enviando a sua proposta á Sociedade de Geographia de Lisboa, pede a esta a sua cooperação e influencia junto do governo, para que seja approvado o projecto e a sua proposta, na presente legislatura parlamentar, o que nos parece muito justo, e sobretudo que a nova cidade tenha o nome

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A NOVA CANHONEIRA VOUGA (Desenho do natural por J. Dantas)

do descobridor da India Já que Vasco da Gama não tem ainda um monumento digno dos seus serviços a Portugal e ao mundo, que ao menos assim se lhe vá pagando alguma cousa por conta da grande divida.

Exposição de instrumentos agricolas. No dia 8 de abril, proximo, realisa a commissão consultiva anti-philoxerica do sul, as suas sessões, para as quaes são convidadas as commissões districtaes conselhias de vigilancia, camaras municipaes e viticultores. Por essa occasião, terá logar uma exposição de todos os instrumentos usados na viticultura, quer construidos no paiz, quer importados do extrangeiro. Aos expositores serão conferidos diplomas de mensão honrosa.

Exposição de artefactos de Linha. A Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, trata de promover uma exposição de artefactos de linha, que conta inaugurar em junho, no palacio das Lamellas, pertencente ao sr. Manuel Ribeiro Faria. Para este fim, organisou-se uma commissão de senhoras vimarences, que está muito empenhada em realisar este certamen com o maior exito.

Patriotismo do bello sexo. Deu-se ultimamente na Dinamarca, um paiz pequeno em territorio, mas grande em patriotismo, um facto altamente sympathico e que faz lembrar tantos actos de devoção patriotica, que hoje se admiram nas paginas da historia antiga, com aquella veneração que temos pelo passado. O facto que vamos relatar é dos nossos dias. Vinte mil dinamarquezas de todas as classes da sociedade abriram entre si uma subscripção com o producto da qual, compraram uma bateria de oito peças Krupp de $0^m,15$ e o material e munições respectivas, de que fizeram presente ao estado. Esta bateria é destinada aos fortes de Copenhague, e o seu valor deve orçar por 50:000$000. Eis um exemplo patriotico digno de ser imitado.

Arte da guerra. Em Woolwich estão-se fazendo, actualmente, uns novos torpedos muito superiores aos que até agora se empregavam. Tem uma velocidade de 24 milhas por hora e alcançam o alvo com uma completa precisão a 550 metros. Estes torpedos não tem mais peso nem mais volume que os conhecidos, e comtudo a sua força destruidora é maior que a d'aquelles. Levam 31 kilogrammas de algodão polvora.

Os allemães na Africa Occidental. São contradictorias as noticias que ha da expedição allemã que, sob a direcção do conde de Behr-Bandelin e subsidiada por uma sociedade particular, partiu para a Africa Occidental. Segundo alguns jornaes a tentativa de colonisação allemã na Africa teve os mais lisonjeiros resultados, e segundo outros falhou completamente. Nós inclinamo-nos mais á segunda noticia, attendendo á desproporção que ha entre o clima da Allemanha e o clima da Africa completamente desfavoravel ás raças do norte da Europa. Entretanto a *Gazeta* de Francfort affirma que o conde de Behr-Bandelin, adquiriu grandes territorios situados entre a costa de Zanzibar e o lago Tanganika. Parece, porém, que esses territorios são mortiferos para os europeus, apesar de serem muito ferteis.

Aereonautas militares. Partiu para o Soldão uma secção de aereonautas militares, levando tres balões feitos na escola de Chatam. O gaz que deve elevar estes balões é comprimido em cylindros de ferro, do peso de 508 kilogrammas cada um e do comprimento de $3^m,36$ com $0^m,305$ de diametro. Estes cylindros são a reserva que acompanha os aereonautas, porque a secção vae munida dos apparelhos necessarios, incluindo um pequeno gazometro, para fabricar o gaz que precisar. Os balões acompanharam o exercito, cheios, conservando-se captivos, e a communicação com as barquinhas faz-se por meio de fio telegraphico.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista Theatral. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um periodico quinzenal dedicado a tratar assumptos theatraes, do qual temos presente o n.º 2. Muito estimaremos que a *Revista Theatral* venha prestar ao theatro portuguez toda a cooperação de que elle tanto carece para os seus progressos e prosperidade.

As Victimas d'El-rey, por José de Castro, Lisboa, 1885. E' a historia dos processos instaurados contra os implicados nos tumultos que houve na ilha da Madeira, por occasião das eleições para deputados ás cortes constituintes, em 29 de junho de 1884. O livro é dedicado pelo seu auctor ao sr. Antonio Polycarpo da Silva Lisboa, redactor principal do jornal a *Era Nova*.

Boletim Americano, *correspondencia especial e exclusiva para a imprensa do Brazil e Portugal*. Publica-se em New-York.

Revista do Retiro Litterario Portuguez, publica-se no Rio de Janeiro, por conta de uma sociedade que tem o mesmo titulo, e em que são admittidos unicamente artigos dos socios. Já por vezes nos temos referido com louvor a esta revista.

Legislação sobre os exames. Clavel & C.ª, successores Lopes & C.ª, editores, Porto. Um folheto que contém o decreto de 24 de julho de 1884 que estabeleceu obrigatorio o exame d'ensino elementar como preparatorio do exame d'admissão aos lyceus; os programmas do ensino elementar, o regulamento dos exames d'admissão aos lyceus e os respectivos programmas, etc. Este folheto é de grande utilidade para todos os professores e alumnos de ensino primario.

Lyra Insubmissa, por Abel Acacio, Eduardo da Costa Santos, editor, Porto. Um elegante volume de cerca de 200 paginas e o primeiro do seu auctor. Parece-nos uma estreia brilhante e uma distincta revelação de poeta, que aliaz já tem dado provas do seu engenho em varios jornaes, e ainda, não ha muito, no *Diario da Manhã*, de boa memoria, onde publicou algumas poesias das que fazem parte do seu livro. O Occidente tambem por vezes se tem honrado com a sua collaboração, publicando artigos de investigação historica, ardua tarefa a que se não furta o auctor da *Lyra Insubmissa*. O sr. Abel Acacio procura com accurado zelo estudar a lingua patria, que para ahi anda tão despresada, na litteratura moderna, e consegue-o com uma coragem pouco imitada, dando-nos na sua *Lyra Insubmissa*, a par de bellos versos, uma linguagem vernacula de muito bom sabor. N'outro logar d'esta folha transcrevemos o excerpto que tem por titulo *Antes da Historia* tirado ao acaso d'entre as poesias d'este livro, o que melhor idéa dá da feição do poeta, aos nossos leitores.

Lavoiser. *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*. David Corazzi, editor, Lisboa. O n.º 11 d'esta primorosa collecção trata do celebre chimico do seculo passado, do grande reformador da chimica, benemerito da humanidade, que a revolução franceza não poupou, fazendo cahir no cadafalso, no dia 8 de maio de 1794, aquella valiosa cabeça que só por si bastava para engrandecer um povo. O livrinho é adornado com gravuras e a edição muito nitida.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado. Sob a direcção de Fernandes Costa, H. Zeferino de Albuquerque, editor, Lisboa. Fasciculos 74 e 75 que alcançam até á palavra *Madrid*. Este diccionario pela sua indole especial, encerra uma verdadeira bibliotheca de conhecimentos de toda a especie. O seu plano é tão vasto, que bem se poderia considerar ambicioso de mais para Portugal, se os 75 fasciculos publicados não fossem provando a possibilidade de se fazer. O publico illustrado que se compenetre da utilidade d'esta obra, e que a vá adquirindo por fasciculos que é o meio mais suave de vir a possuir uma obra de grande valia.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.